

CHARLOT, Bernard (1999).

**Le Rapport au Savoir en milieu populaire.**

**Une recherche dans les Lycées Professionnels de banlieue.**

Paris: Anthropos, 390 p.

Neste livro, Bernard Charlot propõe-se compreender a relação que os jovens dos meios populares têm com o saber e com a escola, debruçando-se sobre os alunos das escolas profissionais dos subúrbios.

Esta pesquisa insere-se num programa mais lato desenvolvido pela equipa ESCOL (*Éducation, Socialisation et Collectivités Locales*) da Universidade Paris 8 em Saint-Denis.

Os liceus profissionais são instituições que escolarizam alunos, na sua maioria de origem popular, que encontraram no seu percurso dificuldades na escola. Coloca-se, então, a questão: confrontados com o insucesso escolar, que relação têm estes jovens com o saber?

A questão do insucesso escolar dos jovens dos meios populares foi e continua a ser um objecto de trabalho importante na sociologia da educação. Nas investigações realizadas concluiu-se que existe uma correlação estatística entre os resultados escolares dos jovens e a categoria sócio-profissional dos pais. Esta correlação serviu de base aos "sociólogos da reprodução" que mostraram que a escola é proveitosa para os dominantes, contribuindo, assim, para a reprodução das desigualdades sociais.

Mas, Charlot questiona: como é que a escola contribui para a desigualdade social

apesar dos jovens serem formados por ensinos que, longe de serem servidores da escola capitalista, se sentem antes do lado do povo? (p. 1)

Charlot convoca, para esta discussão, Pierre Bourdieu e as noções-chave de *habitus* e de capital cultural. Os jovens não só são dotados de *habitus* diferentes como recebem por transmissão familiar um capital cultural quantitativa e qualitativamente diferente. Mas, como refere o autor, herda-se um capital cultural socialmente diferenciado mas não se herda o sucesso escolar, que pressupõe um trabalho intenso de valorização desse capital (p. 2).

Assim sendo, o sucesso e o insucesso escolares não podem ser explicados apenas a partir do capital cultural recebido. Não é suficiente conhecer a origem social do jovem para compreender a razão pela qual tem ou não sucesso na escola. O autor afirma: "Para se ter êxito é preciso trabalhar e trabalhar de modo eficaz" (p. 2).

Para compreender a relação que os jovens de origem popular têm com o saber, os investigadores da ESCOL colocaram as seguintes questões de base:

- Que sentido tem, para uma criança, e concretamente para uma criança do meio popular, ir à escola?

- Que sentido tem para ela trabalhar, ou não trabalhar, na escola?

- Que sentido tem para ela aprender, na escola ou fora dela?

Ao trabalhar estas questões, o autor alerta para o facto de que a história escolar de cada criança é uma história única e original mas que as histórias originais também variam consoante a origem social do seu protagonista. É pois necessário analisar o sucesso e o insucesso escolar não só a partir da história do indivíduo mas também tendo em conta a sua origem social. Como o autor afirma "a relação com o saber é indissociavelmente social e individual" (p. 3).

Na pesquisa realizada pela equipa ESCOL foram utilizados, na recolha de dados, dois tipos de instrumentos: os "balanços de saber"<sup>1</sup> e as entrevistas semi-directivas aprofundadas<sup>2</sup>.

Nos balanços de saber, a partir da análise e interpretação dos textos escritos pelos alunos sobre a temática da aprendizagem, foi possível identificar quais as aprendizagens que o aluno considera como mais importantes. Nesta análise, interessavam, fundamentalmente, os seguintes pontos:

- as aprendizagens evocadas pelos alunos
- os lugares associados a essas aprendizagens
- os agentes das aprendizagens
- o que o aluno declara como importante
- a forma dos textos – esclarecedora sobre a relação dos alunos com o saber
- a dominante dos textos

- a localização, no tempo, das aprendizagens

- as declarações explícitas sobre o saber e a escola.

Para além dos balanços de saber, foram realizadas entrevistas semi-directivas aprofundadas que permitiram conhecer os processos através dos quais se construiu a história escolar destes jovens, comportando o guião os seguintes pontos:

- A história escolar do aluno
- A forma como o aluno chegou ao liceu profissional, o que pensava e o que pensa
- As razões da escolha da especialidade
- O balanço do tempo passado no liceu profissional
- As relações com os professores e os colegas
- A versão familiar da história escolar do aluno
- O seu conhecimento da actividade profissional
- O modo de aquisição dos saberes dentro e fora da escola
- Como vê o futuro
- O que significa uma aula ou um professor "interessante" (p. 12)

Os dados recolhidos no liceu profissional foram comparados com os de um colégio de Saint-Denis que acolhe massivamente alunos de famílias populares e com os das "boas turmas" (p. 16) de um colégio de Massy do subúrbio sul de Paris, frequentado por alunos pertencentes, maioritariamente, a famílias favorecidas.

A partir da análise dos balanços de saber, foi possível construir um quadro onde se apresenta o essencial dos dados reco-

lhidos sobre as aprendizagens evocadas (Quadro 1).

mitisse mobilizá-los novamente para os estudos.

**Quadro 1 – Aprendizagens evocadas (%)**

Aprendizagens	Liceu Profissional	Colégio de Saint-Denis	Colégio de Massy
• Ligadas à vida quotidiana	8%	16%	4,5%
• Intelectuais ou escolares	24%	32%	58%
• Relacionais e afectivas	48%	35%	19%
• Profissionais	4%	----	-----

Extraído de: Charlot; B (1999). *Le Rapport au Savoir en Milieu Populaire. Une Recherche dans les Lycées Professionnels de Banlieue*. Paris: Anthropos, p. 17.

Da leitura do quadro ressalta uma primeira conclusão: as aprendizagens relacionais e afectivas são o centro das aprendizagens evocadas pelos jovens do liceu profissional, enquanto que as “boas turmas” de Massy se centram nas aprendizagens intelectuais e escolares.

Uma outra conclusão, de algum modo inesperada, pode ser retirada da análise do quadro: as aprendizagens profissionais são pouco evocadas pelos alunos do liceu profissional.

O autor avança com algumas explicações para estes factos. O universo das aprendizagens dos jovens do liceu profissional é dominado pelas relações com os outros. Para estes jovens, aprender é, primeiramente, desenvolver relações com os outros, compreender as pessoas, ser capaz de se desembaraçar no mundo e, caso seja necessário, saber defender-se (p. 27).

O autor conclui ainda que as aprendizagens profissionais, contrariamente ao que seria esperado, não constituíram para estes alunos um ponto de apoio que per-

Da análise dos balanços de saber, o autor conclui ainda que as aprendizagens intelectuais e escolares, assim como as profissionais, estão maioritariamente associadas à escola e estas últimas sobretudo aos locais de estágio, enquanto que as aprendizagens relacionais e afectivas são referidas, primeiro que tudo, à família mas também à cidade e à escola.

Charlot tece alguns comentários a estas conclusões. Em primeiro lugar, a família é, para estes jovens, o primeiro lugar de aprendizagem, situação que vai contra a ideia que prolifera de que a família é um “deserto cultural” (p. 30) que se demite da sua função educativa.

Em segundo, a família e a escola são dois mundos diferentes mas ligados por uma complementaridade. A família é o lugar das aprendizagens básicas, das afectivas, das relacionais e das pessoais, enquanto que a escola é, essencialmente, o lugar das aprendizagens intelectuais e profissionais. Esta ocupa um lugar secundário no universo dos jovens porque lhe falta, fundamentalmente, a dimensão do relacional.

Por último, o autor anota um outro comentário que se prende com a questão das aprendizagens profissionais. Estas aprendizagens, contrariamente ao que se podia supor, não têm para estes jovens grande significado. Charlot afirma a este propósito: "A hipótese segundo a qual a natureza das aprendizagens propostas no liceu profissional permitiria restituir sentido à escola e voltar a mobilizar os jovens – hipótese que impregna fortemente as políticas educativas – encontra-se aqui em falta" (p. 34).

Para a maioria destes jovens, as expectativas giram à volta do triângulo: estudos, diploma, trabalho, ou seja, ir à escola para obter um diploma que lhe permita mais tarde ter um emprego.

O saber não faz parte das suas aspirações. Apenas 13% dos alunos evocam como algo importante "saber mais", "aprender mais", "descobrir as coisas", "a cultura", "reflectir" ou "ler e escrever" (pp. 49-50).

Conclui o autor que "a escola e os estudos são importantes mas é a escola como instituição distribuidora de diplomas, e logo um passaporte para o emprego, que é aqui evocada, bem mais que a escola como lugar de aquisição de saberes" (p. 50).

A escola e o trabalho não são associados ao saber mas antes à felicidade familiar, ao amor, aos amigos, ao bem-estar material ou como os próprios alunos afirmam a uma "vida normal" uma "bela vida" (p. 51).

De modo aparentemente paradoxal, os jovens evocam pouco o saber e a actividade profissional mas, em seguida, afir-

mam que os estudos e o trabalho são as coisas mais importantes. Mas não são os estudos e o trabalho no seu conteúdo específico que estes alunos valorizam mas sim o diploma e o emprego no seu significado social.

Analisando a (re)orientação destes jovens, o autor conclui que poucos estariam no liceu profissional se tivessem escolha. Há jovens que escolhem o liceu profissional para darem continuidade a uma profissão familiar, outros escolhem-no porque desejam um emprego o mais rapidamente possível e, para outros, com uma história de insucesso escolar, o liceu profissional acaba por ser a saída mais lógica. Mas, a grande maioria dos jovens chega ao liceu profissional por acidente, que tomou a forma de uma deriva, de uma ruptura ou de uma reorientação (p. 336).

Mas mesmo aqueles que, de algum modo, se insurgem com o facto de frequentarem o liceu profissional, continuam a imaginar um futuro como se depreende das palavras de um aluno: "Mesmo que não seja o que queria, é preciso que continue, para conseguir vir a ser alguém". E o continuar significa obter um diploma que possa proporcionar um bom emprego e um bom estatuto social.

Da relação entre professores e alunos conclui o autor que, contrariamente ao que pensam alguns docentes, ela não é do tipo "afectivo". Para os alunos do liceu profissional, o bom professor deve assegurar a disciplina na sala de aula, explicar e voltar a explicar. Para os jovens dos meios populares, aprender é, fundamen-

talmente, "reter o que o professor explica" e ao professor exigem que explique bem, que volte a explicar se necessário e que os respeite como seres humanos.

Após esta investigação, Charlot não pretende prender-se apenas a uma leitura negativa da realidade social destes alunos, apesar de reconhecer que aos jovens dos meios populares falta a relação com o saber que lhes permite ter êxito na escola e que o investigador deve, como actor social, tentar combater essas faltas. Mas, uma leitura "pela positiva" da experiência dos jovens dos meios populares permite compreender que estes jovens têm de desenvolver mecanismos que lhes permitam sobreviver no mundo dominado em que vivem. Charlot ao ler "pela positiva" as suas experiências escolares não os fecha numa "representação de indivíduos alienados" (p. 346) mas prefere vê-los, antes, como indivíduos que, confrontados com as grandes paradas da vida, se debatem em contradições com aqueles com quem precisam de aprender a viver (p. 346).

**Maria Helena Madeira**

## Notas

- <sup>1</sup> No balanço de saber, os jovens escrevem um texto a partir da seguinte temática: "Desde que nasci aprendi uma variedade de coisas, em casa, na cidade, na escola e em outros lugares... O quê? Com quem? O que é importante para mim em tudo isto? É neste momento, o que é que espero?" (p. 7)
- <sup>2</sup> Foram recolhidos 533 balanços e realizadas 200 entrevistas.